

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA

ISRAEL CUTRIM DINIZ RODRIGUES

**ANALISANDO A MONARQUIA ABSOLUTISTA COMPARANDO COM A NARRATIVA
CINEMATOGRAFICA: O Rei Leão como ferramenta didática**

São Luís
2025

ISRAEL CUTRIM DINIZ RODRIGUES

**ANALISANDO A MONARQUIA ABSOLUTISTA COMPARANDO COM A NARRATIVA
CINEMATOGRAFICA: O Rei Leão como ferramenta didática**

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientador (a): Sandra Regina Rodrigues dos
Santos

São Luís

2025

Rodrigues, Israel Cutrim Diniz.

Analisando a monarquia absolutista comparando com a narrativa cinematográfica : O Rei Leão como ferramenta didática / Israel Cutrim Diniz Rodrigues. – São Luís, 2025.
58f.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Rodrigues dos Santos.

* Absolutismo. 2. Cinema. 3. O Rei Leão. 4. Hierarquias sociais. I. Título.

CDU:321.61:791.43

Elaborada por Lauisa Sousa Barros - CRB 13/657

**ANALISANDO A MONARQUIA ABSOLUTISTA COMPARANDO COM A NARRATIVA
CINEMATOGRAFICA: O Rei Leão como ferramenta didática**

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Estadual do Maranhão para
obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientador (a): Sandra Regina Rodrigues dos
Santos

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

(NOME/LOCAL DE TRABALHO) ASSINATURA (Orientador)

(NOME/LOCAL DE TRABALHO) ASSINATURA DE PROF DA BANCA

(NOME/LOCAL DE TRABALHO) ASSINATURA DE PROF DA BANCA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, penso que a fé consegue fazer o mais fraco a se enxergar como o mais forte e sem ela nossas ações estão expostas à nudez do acaso e ao mal do contentamento. Agradeço aos amigos trazidos pela faculdade, todos eles fazem parte do produto maior - penso eu - que é a evolução do espírito atrelado ao tempo. Em especial, gostaria de fazer uma menção honrosa à Caverna, que, enquanto pôde, foi sinônimo de companheirismo e alegria.

Dedico esta monografia à minha família que muito sabe o que esse produto significa para cada um de nós. À minha mãe, Stela - que tão bem cuida de mim - espero que ela saiba que cada passo a frente, na minha caminhada, representa um ato inesgotável de amor e ternura, pois o que é o amor senão a expressão máxima de carinho e de compaixão que uma mãe tem para com o seu filho. À minha madrinha, Cléa, certamente ela saberá que esse trabalho é fruto de vários puxões de orelha disfarçados de amor e preocupação, por isso penso que agora ela poderá ficar um pouco mais aliviada. Ao meu pai, Irlandes, tenho certeza que esse trabalho representa mais um motivo pra ele se alegrar e ter certeza de que estamos desfrutando da boa vida juntos, uns aos outros e sabendo que é isso que importa.

Ao meu Padrinho, Juliano, certamente ele se lembrará das boas conversas e das boas partidas de xadrez que me influenciaram a trilhar esse caminho, guardo com boa vontade todos esses momentos. À minha irmã, Iasmin - que desde sempre escuta minhas teorias malucas - que ela saiba amar também é crescer e é um privilégio crescer ao lado dela, pois não há nada melhor do que viver ao lado de quem amamos. À minha namorada, Renata - que muito me apoia e escreve sua história com a minha - sei que ela enxergará cada possibilidade aberta a partir desse trabalho como uma declaração de amor, força mas também de sensibilidade e certeza.

À minha orientadora, Professora Sandra, que com carinho me apoiou e me auxiliou nesta jornada. À minha cachorrinha, Atena Maria, que ela possa sempre estar ao lado da minha mesa enquanto eu estudo pois ela faz toda a diferença. E para finalizar, à minha Avó - que hoje é uma estrela no céu - que ela possa ter certeza de que há um tom alegre de saudade em tudo que faço, pois o que é a vida senão a alegria de quem nos cuidou e muito nos amou. Há quem creia nas surpresas da vida, eu busco crer nas surpresas do amor e levo comigo no fundo da minha mais absoluta certeza os abraços calorosos e as palavras de cuidado de quem muito me amou. Por esses e outros motivos, dedico esta monografia a todos estes, mas em especial a Dona Creusa, minha vó. Que ela possa se orgulhar e sorrir onde ela estiver.

RESUMO

Este estudo explora as características do absolutismo europeu dos séculos XVI e XVII através de uma análise comparativa com o filme "O Rei Leão", buscando identificar paralelos entre a representação do poder na animação e os elementos centrais do absolutismo histórico. O objetivo é examinar como a animação da Disney espelha conceitos como a centralização do poder nas mãos de um único líder, a noção do direito divino dos reis – onde a autoridade do governante é vista como emanada de uma fonte superior – e as dinâmicas sociais hierárquicas, que estruturam as sociedades da época. A análise visa oferecer uma nova perspectiva sobre o período do absolutismo, utilizando uma obra de entretenimento popular para ilustrar e tornar mais acessíveis os complexos conceitos políticos e sociais que o caracterizaram. Ao comparar a estrutura de poder na savana retratada em "O Rei Leão" com as monarquias absolutistas da Europa, pretende-se destacar as semelhanças nas formas de exercício do poder, na legitimação da autoridade e na manutenção da ordem social, proporcionando uma compreensão mais profunda e engajadora deste importante período histórico.

Palavras-chave: Absolutismo; cinema; O Rei Leão; hierarquias sociais.

ABSTRACT

This study explores the characteristics of European absolutism in the 16th and 17th centuries through a comparative analysis with the film "The Lion King," aiming to identify parallels between the representation of power in the animation and the central elements of historical absolutism. The objective is to examine how the Disney animation mirrors concepts such as the centralization of power in the hands of a single leader, the notion of the divine right of kings – where the ruler's authority is seen as emanating from a higher source – and the hierarchical social dynamics that structured the societies of that era. The analysis aims to offer a new perspective on the period of absolutism, using a work of popular entertainment to illustrate and make more accessible the complex political and social concepts that characterized it. By comparing the power structure in the savannah portrayed in "The Lion King" with the absolutist monarchies of Europe, the intention is to highlight the similarities in the ways power was exercised, in the legitimization of authority, and in the maintenance of social order, providing a deeper and more engaging understanding of this important historical period.

Key-words: Absolutism; cinema; The Lion King; social hierarchies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pedra do Rei, local simbólico do poder no reino animal	28
Figura 2 – Apresentação de Simba ao Reino, simbolizando a continuidade do ciclo da vida.	29
Figura 3 – Leões e leoas do reino, unidos no filme o Rei Leão, representando a unidade e organização social do grupo.	30
Figura 4 - Animais se curvam diante da apresentação de Simba, reconhecendo-o como herdeiro do trono.	31
Figura 5 - Hienas retratadas como figuras ameaçadoras e opositoras à ordem estabelecida no reino.	32
Figura 6 - Confronto entre Simba e Scar, momento decisivo pelo poder no reino	34
Figura 7 - Simba e sua família assumem o trono, restaurando a ordem no reino.	35
Figura 8 - Scar, irmão do rei Mufasa e antagonista da trama.	36
Figura 9 - Simba, protagonista de O Rei Leão	37
Figura 10 - Zazu, conselheiro real e mensageiro do reino	39
Figura 11 - Rafiki, sábio xamã do reino	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O ABSOLUTISMO EUROPEU: CONTEXTO HISTÓRICO E TEÓRICO	17
1.1 O absolutismo monárquico: Definição e características	17
1.2. O absolutismo francês e inglês	21
1.3. O despotismo esclarecido	23
2. O REI LEÃO COMO ALEGORIA	26
2.1. <i>O Rei Leão</i> e a Disney na década de 1990: produção, direção e trilha sonora	26
2.2 A Pedra do Rei como Símbolo do Poder e a Hierarquia Social na Savana	28
2.3. O ciclo da vida: Princípio que governa o funcionamento da savana	41
3 PARALELOS E LIMITAÇÕES DA ANÁLISE	46
3.1 Os Paralelos entre “O Rei Leão” e o Absolutismo Europeu	46
3.2 Limitações e Desafios da Análise Comparativa	47
3.3. A pedagogia ativa: o uso de obras populares na sala de aula	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

A educação histórica contemporânea enfrenta um desafio paradoxal: como conciliar o rigor analítico exigido pela disciplina com a necessidade de engajar estudantes imersos em uma cultura visual e digital?

No Brasil, esse desafio é ainda mais complexo em regiões como o Nordeste, onde a carência de recursos pedagógicos diferenciados contrasta com a riqueza cultural local. Segundo dados do INEP (2022), apenas 34% dos alunos do Ensino Médio na região atingiram níveis adequados de aprendizagem em História, reflexo de metodologias que ainda privilegiam a memorização em detrimento do pensamento crítico. Nesse cenário, o cinema surge não apenas como entretenimento, mas como uma ferramenta pedagógica capaz de explicar conceitos abstratos em narrativas palpáveis.

O filme *O Rei Leão* (1994), da Disney, oferece uma oportunidade singular para explorar temas como poder, legitimidade e revolução. A narrativa, que retrata a ascensão e queda de um regime monárquico fictício na Savana, será comparada à trajetória histórica de Luís XVI, último monarca absoluto da França. Enquanto o filme idealiza a monarquia através da figura carismática de Mufasa, a história real de Luís XVI expõe as fissuras de um sistema marcado por crises fiscais, desigualdades sociais e revoltas populares.

Essa dualidade entre ficção e realidade histórica serve como eixo para problematizar como as representações midiáticas podem tanto distorcer quanto iluminar o entendimento do passado. Neste projeto, propõe-se uma análise comparativa entre essas duas narrativas, com aplicação prática em turmas do 8º ano do Ensino Fundamental, permitindo que os alunos questionem as idealizações filmicas e as narrativas históricas tradicionais.

A delimitação da temática concentra-se na análise comparativa entre duas narrativas sobre monarquia: uma ficcional, representada pelo ciclo de poder em *O Rei Leão*, e outra histórica, personificada na trajetória e figura do monarca Luís XVI (1774-1793). A investigação, a ser conduzida em ambiente escolar, foca em três eixos

específicos que se entrelaçam. O primeiro diz respeito à legitimidade do poder monárquico: no filme, a autoridade de Mufasa se constrói por meio de uma combinação de tradição – evidenciada pelo “Ciclo da Vida”, expresso pela música “Ciclo sem fim” na versão brasileira, e simbolizada pela “Rocha do Rei”, espaço de poder –, e carisma.

Enquanto Luís XVI, herdeiro de uma dinastia secular, vê sua legitimidade corroída pela incapacidade de responder às demandas populares, como a reforma fiscal e a abolição de privilégios aristocráticos, o que ilustra como a estabilidade de um regime depende não apenas de hierarquias formais, mas também da aceitação social, conforme já preconizado por Maquiavel. Acima de tudo, um príncipe sábio deve pensar na maneira pela qual possa fazer com que os seus cidadãos, em qualquer circunstância, tenham necessidade do Estado e dele mesmo, garantindo, assim, que estes lhe sejam fiéis (MAQUIAVEL, 2021, p. 19).

O segundo eixo trata da crise de sucessão e dos conflitos dinásticos. No filme, a disputa entre Simba e Scar pela Savana reflete tensões presentes na corte francesa do século XVIII, onde, enquanto Scar simboliza a ambição desmedida, Luís XVI enfrentou intrigas palacianas e a pressão de uma nobreza fragmentada, evidenciando como disputas internas podem corroer aos poucos a coesão dos sistemas monárquicos, tanto na ficção quanto na realidade.

O terceiro eixo aborda a revolução e a transformação social. A queda de Scar e a restauração de Simba são apresentadas como uma redenção coletiva, em contraste com a Revolução Francesa (1789-1799), que resultou na execução de Luís XVI e na ascensão de um regime republicano marcado por violência e contradições.

Esse contraste problematiza a noção de revolução como um processo linear, explorando suas ambiguidades e os custos humanos envolvidos. A delimitação temporal da análise abrange o período de 1774 – coroação de Luís XVI – até 1793 – sua execução – com ênfase nos eventos-chave da Revolução Francesa, com especial atenção a elementos simbólicos do filme, como “a terra onde o sol não toca”, que remete à relação entre paisagem e poder.

O embasamento teórico desta pesquisa integra as contribuições de diversos autores, como: Roger Chartier (1990), em sua abordagem sobre a História Cultural,

ênfatiza a importância das representações simbólicas para compreender sociedades passadas, afirmando que “as práticas culturais são sempre construídas em relação a sistemas de representação que as orientam e lhes conferem sentido” (CHARTIER, 1990, p. 17). Ademais, Peter Burke (2005) ressalta que a análise de produções midiáticas exige considerar o contexto de produção da obra, justificando a escolha de um filme da Disney dos anos 1990 para discutir temas universais, como legitimidade e crise política.

A discussão sobre o poder também se apoia na teoria de Max Weber (1999), que classifica o poder em três tipos – tradicional, carismática e legal-racional – e explica que a autoridade tradicional se fundamenta na “santidade das ordens herdadas”. No filme, Mufasa encarna tanto a legitimidade tradicional, por sua linhagem, quanto a carismática por meio de sua liderança inspiradora; enquanto a perda dessa legitimidade em Luís XVI ocorre quando o monarca “viola o ethos consagrado pelo costume”, rompendo com a autoridade baseada nas ordens herdadas (WEBER, 1999, p. 145).

Essa corrosão é exemplificada na Revolução Francesa, quando o rei, ao tentar fugir e conspirar contra a Assembleia Nacional, passou a ser visto como “um refém dos revolucionários”, consolidando sua imagem de “traidor das próprias tradições que sustentavam seu poder” (VOVELLE, 2007, p. 141).

No campo pedagógico, a proposta incorpora os princípios da pedagogia crítica, defendida por Paulo Freire (1987), segundo o qual a educação deve ser um ato político de libertação, onde os alunos se tornam “sujeitos da construção de seu saber” (FREIRE, 1987, p. 67). Essa perspectiva justifica a implementação de oficinas de criação de charges históricas, nas quais os estudantes poderão se tornar autores ativos do conhecimento, sintetizando conceitos como absolutismo e contrato social de forma crítica e criativa, rompendo com a passividade da mera recepção da informação.

O absolutismo europeu, fenômeno político marcante dos séculos XVI e XVII, caracterizou-se pela centralização do poder nas mãos do monarca, que exercia controle quase irrestrito sobre o Estado. Este sistema, que influenciou profundamente a história da Europa e do mundo, tem sido objeto de inúmeros estudos e análises; no entanto, a complexidade do tema muitas vezes dificulta sua compreensão, especialmente para

aqueles não familiarizados com a história política da época. Nesse contexto, a utilização de ferramentas pedagógicas alternativas, como a análise de obras da cultura popular, pode revelar-se uma estratégia eficaz para tornar o assunto mais acessível e interessante.

É com essa intenção que a presente monografia propõe uma abordagem inovadora para o estudo do absolutismo europeu: a análise comparativa com o filme *O Rei Leão* (1994).

Longe de ser uma simples animação infantil, o filme apresenta uma narrativa rica em elementos que remetem ao sistema absolutista – como a figura do rei, a hierarquia social, a sucessão do poder e a luta pela manutenção da ordem. Ao identificar e analisar tais elementos, pretende-se demonstrar como *O Rei Leão* pode servir como uma alegoria do absolutismo, facilitando a compreensão de seus princípios e características.

A escolha do filme como objeto de estudo justifica-se por sua popularidade e alcance, sendo amplamente conhecido e apreciado por públicos de todas as idades, o que o torna uma ferramenta pedagógica potencialmente eficaz para o ensino do absolutismo. Para responder à questão central – como um filme infantil como *O Rei Leão* pode nos ajudar a entender o absolutismo europeu? – propõe-se analisar as representações do poder, da hierarquia e da ordem social presentes na obra, identificando os elementos que remetem ao sistema absolutista e comparando-os com as características do absolutismo europeu, bem como discutir as possibilidades e limitações do uso do filme como ferramenta pedagógica.

A metodologia adotada será a análise fílmica comparada, que consistirá em identificar e analisar os elementos relevantes do filme à luz dos conceitos e teorias sobre o absolutismo, por meio de uma revisão bibliográfica que abranja obras de referência para compreender o contexto histórico e teórico do absolutismo, seguida da identificação dos elementos fílmicos e, por fim, sua comparação com as características do sistema monárquico estudado.

Acreditamos que a utilização de ferramentas alternativas, como a análise de obras da cultura popular, pode tornar o aprendizado no ensino básico mais interessante e significativo, estimulando o debate e a reflexão crítica sobre o poder e a sociedade.

Esta monografia está dividida em três capítulos, no primeiro, intitulado “*O Absolutismo Europeu: Contexto Histórico e Teórico*”, são apresentadas as bases conceituais e históricas do absolutismo como sistema político dominante na Europa entre os séculos XVI e XVIII. A partir do contexto de transição do feudalismo para a formação dos Estados modernos, examinamos quais as características centrais do absolutismo, como a centralização do poder, a hierarquia social e o papel da nobreza. São mobilizadas as contribuições de teóricos clássicos, como Maquiavel, Jean Bodin, Thomas Hobbes, Jacques Bossuet e Norbert Elias, cujas obras fundamentam a compreensão da lógica do poder absoluto e de sua legitimação simbólica, política e religiosa. O capítulo também analisa as especificidades do absolutismo francês e inglês, assim como o surgimento do despotismo esclarecido no século XVIII.

O segundo capítulo, denominado “*O Rei Leão como Alegoria do Absolutismo*”, propõe uma leitura simbólica da animação da Disney como representação didática dos elementos do absolutismo europeu. Examinamos os recursos visuais e narrativos do filme que remetem à lógica monárquica, como a Pedra do Rei, símbolo da centralização do poder, a hierarquia social entre os animais, a legitimidade hereditária da sucessão ao trono e a figura do rei como garantidor da ordem natural. A análise considera personagens centrais, como Mufasa, Simba, Scar, Rafiki e Zazu, como representações de categorias sociais e políticas, estabelecendo analogias com a corte absolutista e com a dinâmica de poder do período. A metáfora do “Ciclo da Vida” é interpretada como uma forma de naturalização da ordem estabelecida, refletindo o discurso ideológico do Antigo Regime.

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado “*Paralelos e Limitações da Análise*”, buscamos consolidar os vínculos entre a narrativa cinematográfica e o contexto histórico do absolutismo, demonstrando como *O Rei Leão* pode ser utilizado como recurso pedagógico no ensino de História. O capítulo destaca os pontos de convergência entre as duas realidades, como a centralização do poder, a legitimidade

régia e a rígida estratificação social. Contudo, também abordam-se as limitações dessa analogia, como a ausência de aspectos fundamentais do absolutismo, a exemplo do papel da religião e os riscos de simplificação de fenômenos históricos complexos. Ainda assim, defende-se que o uso de mídias populares pode estimular a reflexão crítica e o engajamento dos alunos, desde que orientado por uma mediação didática qualificada.

1. O ABSOLUTISMO EUROPEU: CONTEXTO HISTÓRICO E TEÓRICO

O absolutismo, como sistema político, floresceu na Europa durante os séculos XVI e XVII, marcando uma transição significativa nas estruturas de poder e governança. Para compreender suas origens, é necessário considerar o contexto de crise do feudalismo e a ao passo que os Estados Nacionais se formavam. O feudalismo, caracterizado pela descentralização do poder e pela fragmentação territorial, já não atendia às necessidades de uma sociedade em transformação, impulsionada pelo crescimento do comércio, das cidades e da burguesia. A centralização do poder nas mãos do monarca surge, portanto, como uma resposta a esta crise, como uma forma de garantir a estabilidade política, a segurança territorial e o desenvolvimento econômico. Os monarcas absolutistas, buscando consolidar seu poder, gradualmente assumiram o controle sobre as funções que antes eram exercidas pelos senhores feudais, como a administração da justiça, a cobrança de impostos e a organização do exército.

1.1 O absolutismo monárquico: Definição e características

O absolutismo pode ser definido como um sistema político em que o poder soberano reside em um único indivíduo, o monarca, que o exerce de forma suprema e independente. Este poder não está sujeito a nenhuma lei ou controle externo, sendo o monarca a fonte suprema da lei e da autoridade. Como afirma Perry Anderson, "o Estado absolutista foi essencialmente um aparelho para a proteção da propriedade e dos privilégios da aristocracia, embora, simultaneamente, os interesses da nascente burguesia mercantil fossem também salvaguardados" (ANDERSON, 1985, p. 42).

Entre as características principais do absolutismo, destacam-se: Centralização administrativa na qual o monarca controla diretamente a administração do Estado, nomeando funcionários e burocratas para auxiliá-lo no governo. O exército permanente, onde o monarca mantém um exército profissional e permanente, que garante a segurança do território e a manutenção da ordem interna. Sistema tributário,

onde se estabelece um sistema de impostos centralizado, que lhe permite financiar o Estado e o exército e por fim a Burocracia estatal com a criação de uma burocracia estatal, composta por funcionários especializados, que auxiliam na administração do Estado.

A monarquia absolutista representava, portanto, uma nova forma de organização política, caracterizada pela centralização do poder, pela burocratização do Estado e pela profissionalização do exército. No entanto, é importante ressaltar que o absolutismo não foi um fenômeno homogêneo, apresentando variações em diferentes países e épocas. Na França, por exemplo, o absolutismo atingiu seu apogeu sob o reinado de Luís XIV, o "Rei Sol", que personificou o ideal do monarca absoluto. Já na Inglaterra, o absolutismo enfrentou forte resistência do Parlamento, culminando na Revolução Gloriosa de 1688, que estabeleceu uma monarquia constitucional.

A consolidação do absolutismo como sistema político foi acompanhada pela produção de diversas teorias que buscavam justificá-lo e legitimá-lo. Estes teóricos, muitas vezes influenciados pelas ideias da época, apresentavam diferentes argumentos em defesa do poder absoluto do monarca, que se tornaram fundamentais para a compreensão do fenômeno absolutista. Aqui vamos destacar as principais teorias que nos orientaram ao longo da pesquisa, e que serviram de apoio para a fundamentação teórica desta monografia.

Nicolau Maquiavel (1469-1527), por exemplo, argumentava que o príncipe deve ser astuto como uma raposa e forte como um leão, utilizando a lei e a força conforme a necessidade. Ele defende que o príncipe não precisa ter todas as qualidades, mas é indispensável que aparente tê-las, de modo a manter a boa imagem perante o povo. A famosa frase, popularmente replicada até os dias de hoje: "os fins justificam os meios" resume a filosofia política de Maquiavel, que prioriza a eficácia e o sucesso do governante, mesmo que isso implique em sacrificar princípios morais.

Um príncipe não precisa ter todas as qualidades (...), mas é indispensável que aparente tê-las. Deve, portanto, ter grande cuidado para que não lhe saia da boca nenhuma palavra que não respire as cinco qualidades. Ele deve parecer, ao vê-lo e ouvi-lo, todo clemência, todo fé, todo integridade, todo humanidade, todo religião. (MAQUIAVEL, 1532, p. 65).

Jean Bodin (1530-1596), outro grande pensador que surge nesse meio, defende que o monarca é o representante de Deus na Terra, e que seu poder é de origem divina. Ele argumenta que o monarca deve ser obedecido incondicionalmente, pois sua autoridade é essencial para a manutenção da ordem e da estabilidade social. Bodin reconhece, no entanto, que o monarca deve governar de acordo com a lei divina e a lei natural, respeitando os direitos fundamentais dos súditos.

A soberania é o poder absoluto e perpétuo de uma República (...). É necessário que os que são soberanos não estejam de modo algum sujeitos aos mandatos de outrem, mas que possam dar leis aos seus súditos, e anular ou derogar as leis inúteis para darem outras. (BODIN, 1576, p. 85).

Para Thomas Hobbes (1588-1679), a única forma de escapar da condição de guerra é através da criação de um Estado forte e centralizado, capaz de impor a ordem e a segurança. Os indivíduos, através de um contrato social, renunciam a seus direitos e liberdades em favor do soberano, que passa a deter o poder absoluto. O soberano, representado pelo Leviatã, é o único capaz de garantir a paz e a estabilidade social, reprimindo a violência e punindo os infratores.

Durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens. Pois a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar batalha é suficientemente conhecida. (HOBBS, 1651, p. 76).

Jacques Bossuet (1627-1704) defende que o rei deve governar de acordo com os princípios da justiça e da razão, buscando o bem comum e a felicidade de seus súditos. Ele reconhece, no entanto, que o rei é responsável perante Deus por seus atos, e que deve prestar contas a Ele no Juízo Final. A teoria do direito divino dos reis, defendida por Bossuet, tornou-se um dos pilares ideológicos do absolutismo, legitimando o poder dos monarcas e justificando a obediência incondicional dos súditos.

Os reis reinam, portanto, pela Divina providência, como ministros de Deus, e como seus representantes na terra. (...) Os reis (...) são deuses e participam de alguma maneira da independência divina. O rei vê de mais longe e de mais alto; deve-se acreditar que ele vê melhor. (BOSSUET, 1709, p. 42-43).

Os teóricos do absolutismo desempenharam um papel fundamental na justificação do poder monárquico e na defesa da ordem social estabelecida. Autores como Maquiavel, Bodin, Hobbes e Bossuet elaboraram teorias que legitimam o poder absoluto do rei e defendiam a necessidade de um Estado forte para garantir a paz e a estabilidade.

A corte era o centro da vida política e social do absolutismo. Os nobres cortesãos viviam em torno do rei, buscando favores, títulos e cargos. A vida na corte era marcada pelo luxo, pela etiqueta e pela intriga. Os nobres competiam entre si para agradar o rei e obter vantagens.

A corte era um espaço de poder, mas também de manipulação e de conspiração. Norbert Elias, em sua obra "O Processo Civilizador" (1993), analisa como a vida na corte influenciou o comportamento e a mentalidade das elites europeias. Elias demonstra como a corte se tornou um espaço de aprendizado e de refinamento, onde os nobres aprendiam a controlar suas emoções, a moderar seus impulsos e a se comportar de acordo com as regras da etiqueta. A corte, segundo Elias, foi um dos principais agentes do processo civilizador, que transformou a sociedade europeia e moldou a mentalidade moderna.

Na sociedade de corte, o indivíduo precisava conhecer os homens como eles são em geral e, em seguida, obter conhecimento particular daqueles com quem tem que conviver, isto é, conhecimento de suas inclinações e boas e más opiniões, de suas virtudes e de seus defeitos. (ELIAS p. 195, 1993)

A nobreza, além de viver na corte, também possuía terras e poder nas províncias. Os nobres eram os senhores feudais, que controlavam a vida econômica e social dos camponeses. Os nobres cobravam impostos, administravam a justiça e exerciam o poder militar sobre os camponeses. A nobreza era uma classe privilegiada, que vivia do trabalho dos outros e que defendia seus privilégios com unhas e dentes. (ELIAS, 1993, p. 219)

O povo, composto pela maioria da população, vivia em condições precárias e sofria com a exploração e a opressão. Os camponeses trabalhavam na terra, produzindo alimentos para si e para as classes dominantes. Os artesãos trabalhavam nas cidades, produzindo manufaturas para o comércio. Os burgueses, que

enriqueceram com o comércio, buscavam ascender socialmente e participar do poder político. O povo, apesar de sua importância econômica, era excluído da vida política e social, e sofria com a desigualdade e a injustiça.

O camponês vivia numa choça do tipo mais miserável. Trabalhando longa e arduamente em suas faixas de terra espalhadas (...), conseguia arrancar do solo apenas o suficiente para uma vida miserável. Teria vivido melhor, não fora o fato de que, dois ou três dias por semana, tinha que trabalhar a terra do senhor, sem pagamento. (HUBERMAN, 1976, p. 14)

1.2. O absolutismo francês e inglês

O absolutismo francês, personificado na figura de Luís XIV, o "Rei Sol", é considerado o modelo clássico do sistema absolutista. Luís XIV, que reinou de 1643 a 1715, concentrou em suas mãos todos os poderes do Estado, governando de forma autocrática e centralizada. Luís XIV acreditava que seu poder era de origem divina, e que ele era o representante de Deus na Terra.

Ele utilizou a propaganda e o culto à personalidade para fortalecer sua imagem e legitimar seu poder. O Palácio de Versalhes, construído por Luís XIV, tornou-se um símbolo do poder e da grandiosidade do monarca absoluto. Ele controlava a economia através do mercantilismo, incentivando a produção manufatureira e o comércio, e buscando acumular metais preciosos. Ele também controlava a cultura e a religião, censurando as obras consideradas subversivas e perseguindo os protestantes.

O absolutismo de Luís XIV serviu de modelo para outros monarcas europeus, que buscavam imitar seu estilo de governo e sua ostentação. No entanto, o absolutismo francês também gerou críticas e oposições, tanto internas quanto externas, que culminaram na Revolução Francesa de 1789. Peter Burke, em sua obra "A Fabricação do Rei: A Construção da Imagem Pública de Luís XIV", analisa como Luís XIV utilizou a propaganda e a imagem pública para fortalecer seu poder e legitimar seu governo. Burke demonstra como Luís XIV se tornou um mestre na arte de criar uma imagem de si mesmo como um rei virtuoso, poderoso e divino.

Os monarcas absolutistas utilizavam a cultura e a propaganda para fortalecer sua imagem - isso também pode ser visto como uma certa tática diplomática -, legitimar seu poder e controlar a opinião pública. A arte, a literatura, a música e o teatro eram utilizados para glorificar o rei e exaltar suas virtudes.

O Palácio de Versalhes, construído por Luís XIV, é um exemplo notável da utilização da arquitetura e da decoração para impressionar os visitantes e transmitir uma mensagem de poder e grandiosidade. A propaganda, por sua vez, era utilizada para difundir ideias favoráveis ao rei e ao seu governo, e para combater as críticas e as oposições. Os monarcas absolutistas controlavam a imprensa, censuravam as obras consideradas subversivas e incentivavam a produção de obras que exaltassem suas qualidades e seus feitos. (MARTIN, 1988, p. 95)

A criação de academias e instituições culturais também era uma forma de controlar a produção intelectual e artística, e de promover a cultura oficial do regime. A Academia Francesa, fundada por Luís XVIII, tinha como objetivo regular a língua francesa e promover a literatura clássica.

O uso de instituições culturais para reforçar a autoridade dos monarcas não se limitava apenas à fundação de academias literárias ou de línguas, pois os soberanos absolutistas sabiam que controlar o imaginário coletivo exigia também dominar as artes plásticas, a música sacra e profana, os balés de corte e as óperas patrocinadas por cofres reais, de modo que concertos apresentados nos grandes salões palacianos funcionavam tanto como divertimento quanto como demonstração de poder, ao reunir cortesãos, diplomatas estrangeiros e artistas de prestígio, tudo cuidadosamente orquestrado para exibir a pompa e a serenidade do governante, sugerindo que seu domínio transcendia o mero exercício político e alcançava esferas estéticas, espirituais e até místicas, conferindo-lhe um halo de superioridade inquestionável.

O absolutismo inglês, portanto, foi marcado pela luta entre o rei e o Parlamento, que resultou na instauração de uma monarquia constitucional, em que o poder do rei era limitado pela lei e pela participação política dos cidadãos.

Christopher Hill, em sua obra "O Mundo de Ponta-Cabeça: Ideias Radicais Durante a Revolução Inglesa" (1987), analisa as ideias radicais que surgiram durante a

Revolução Inglesa, como a defesa da liberdade religiosa, da igualdade social e da participação política. Hill demonstra como a Revolução Inglesa foi um momento de intensa efervescência intelectual e política, que transformou a sociedade inglesa e influenciou o pensamento político moderno.

A sociedade do período absolutista era marcada por uma rígida hierarquia social, em que cada indivíduo ocupava uma posição determinada pelo seu nascimento e pela sua classe social. No topo da hierarquia, encontrava-se o rei e a corte, que desfrutavam de privilégios e poder. Abaixo do rei e da corte, encontrava-se a nobreza, que possuía terras e títulos, e que exercia influência política e social. Na base da hierarquia, encontrava-se o povo, composto por camponeses, artesãos e burgueses, que trabalhavam e pagavam impostos para sustentar o Estado e as classes dominantes.

A sociedade feudal era composta por três ordens: os que oram, os que combatem e os que trabalham. Os primeiros eram os clérigos, responsáveis pela salvação espiritual; os segundos, os nobres, encarregados da proteção; e os terceiros, os camponeses, incumbidos da produção. (BLOCH, p. 45, 1987)

Lawrence Stone, em sua obra "Causas da Revolução Inglesa: 1529-1642" (2000), analisa as tensões sociais e políticas que levaram à Revolução Inglesa. Stone demonstra como a desigualdade social, a opressão política e a crise econômica geraram um clima de insatisfação e de revolta, que culminou na deposição do rei e na instauração de uma república. (STONE, 2000, p. 219)

1.3. O despotismo esclarecido

À medida que avançamos para o século XVIII, percebemos o surgimento de um tipo específico de absolutismo, frequentemente designado como “despótico esclarecido”, onde reis como Frederico II da Prússia, Catarina II da Rússia e José II da Áustria adotaram reformas inspiradas pelas ideias iluministas sem, entretanto, abrir mão de seus poderes supremos, o que criou um paradoxo fascinante: promoveram a tolerância religiosa em certa medida, reformaram leis penais para abolir a tortura,

incentivaram a educação pública e patrocinaram academias científicas, mas mantiveram cortes prósperas, exércitos permanentes e um aparato burocrático voltado para sustentar sua autoridade, de modo que esses monarcas se autodenominavam “primeiro servo do Estado”.

Justificando a centralização administrativa como instrumento para o progresso, mesmo que a participação política continuasse restrita, ressaltando, portanto, as tensões inerentes entre modernização e autoritarismo, debates estes que podem render discussões profícuas em sala de aula, quando se compara o ideal iluminista com a prática de governar.

Na Península Ibérica, o fenômeno do despotismo esclarecido, encabeçado por governantes como o Marquês de Pombal em Portugal e Carlos III na Espanha, demonstra como alguns monarcas buscaram incorporar preceitos iluministas à administração, modernizando exércitos, reformando a economia, expulsando ordens religiosas influentes — como os jesuítas —, mas sem abdicar do poder absoluto.

O que nos leva a analisar, pedagogicamente, como a mudança de paradigmas políticos pode ocorrer sem alterar o cerne de uma estratégia autoritária, e como, na animação, a transformação do líder jovem ilustra uma tentativa de mesclar renovação e continuidade, provocando nos alunos a reflexão sobre reformas de cima para baixo, sobre modernização sem democratização, aspectos também centrais para compreender a complexidade do absolutismo tardio.

Em terras espanholas, sob o reinado de Filipe II, encontramos um rigor religioso que se traduzia em perseguições a minorias e exílios forçados de intelectuais, protestantes e dissidentes, acompanhados pela Inquisição, um organismo tão temido quanto eficiente em promover o silêncio, o controle social e a censura, e ao confrontar esse rigor com a ausência quase total de qualquer menção a ritos ou crenças na trama da animação.

Podemos estimular os alunos a questionarem o papel das instituições religiosas como sustentáculos do poder secular, percebendo como a fé podia ser instrumentalizada para legitimar medidas de exceção e, conseqüentemente, como a savana, embora fictícia, omite esse componente fundamental, o que abre um debate

sobre a função da religião no absolutismo e sobre as razões para sua supressão no universo da animação, possibilitando uma análise mais rica sobre o uso da laicidade como ferramenta narrativa.

2. O REI LEÃO COMO ALEGORIA

Neste capítulo, analisaremos os elementos visuais e como eles podem ser representados e estudados em sala de aula na educação básica. Quais elementos gráficos do filme podem servir como símbolos e como podem ser interpretados à luz de diferentes contextos históricos e sociais?

2.1 – *O Rei Leão* e a Disney na década de 1990: produção, direção e trilha sonora

O filme *O Rei Leão* (*The Lion King*, 1994) é uma produção dos estúdios Walt Disney Feature Animation e representa um dos pontos culminantes da chamada “Renascença Disney”, período que se estendeu aproximadamente de 1989 a 1999. Essa fase foi marcada por um renascimento artístico e comercial da Disney após anos de estagnação criativa e desempenho mediano nas bilheteiras.

A retomada do prestígio da empresa teve início com o lançamento de *A Pequena Sereia* (1989) e se consolidou com títulos como *A Bela e a Fera* (1991), *Aladdin* (1992) e, especialmente, *O Rei Leão*. O contexto dessa década revela um momento em que a Disney investiu fortemente em inovações técnicas, narrativas mais complexas e parcerias com artistas renomados, tornando suas animações produtos não apenas infantis, mas também apreciados por um público mais amplo. A década de 1990, portanto, se revela fundamental para compreender a força simbólica e cultural de *O Rei Leão*, que estreou em um momento de grande visibilidade e reconhecimento internacional da marca Disney.

A direção de *O Rei Leão* foi assumida por Roger Allers e Rob Minkoff. Allers já havia trabalhado como roteirista e supervisor de história em outras animações da Disney, como *A Bela e a Fera* e *Aladdin*, enquanto Minkoff atuava como animador e designer de personagens. A escolha de ambos para dirigir o longa marcou suas estreias na direção de um filme de animação, o que não impediu que conduzissem um projeto ambicioso tanto do ponto de vista técnico quanto narrativo. A produção enfrentou desafios significativos, como a ausência de um material-fonte consagrado (ao

contrário de outras animações baseadas em contos clássicos), o que exigiu a criação de uma história original inspirada em arquétipos universais, mitos e referências que vão desde a dramaturgia shakespeariana até elementos da tradição africana. A liderança dos diretores foi decisiva para orquestrar a equipe de animadores, designers, roteiristas e músicos que, juntos, construíram uma das narrativas mais emblemáticas da história da animação ocidental.

Um dos aspectos que mais contribuiu para o sucesso duradouro de *O Rei Leão* foi a sua trilha sonora. A composição instrumental ficou a cargo do alemão Hans Zimmer, já reconhecido por suas trilhas para o cinema, e que, com este trabalho, conquistaria o Oscar de Melhor Trilha Sonora Original. Além disso, o filme contou com canções compostas por Elton John, com letras escritas por Tim Rice, como “Circle of Life”, “Can You Feel the Love Tonight” e “Hakuna Matata”.

A trilha sonora desempenha um papel narrativo essencial na obra, reforçando o tom épico e emocional da história, além de incorporar ritmos e instrumentos que remetem ao universo sonoro africano, ainda que de forma estilizada e comercialmente acessível. A música, nesse contexto, contribui não apenas para a ambientação da narrativa, mas também para a construção simbólica das emoções, das transições dramáticas e das relações entre os personagens.

Por fim, é importante destacar que *O Rei Leão* se beneficiou do investimento da Disney em novas tecnologias de animação. A sequência da debandada dos gnus, por exemplo, utilizou recursos de animação digital combinados com o desenho tradicional, representando um avanço técnico notável para a época.

Além disso, a equipe de produção realizou estudos de campo em reservas naturais africanas, buscando fidelidade visual na representação da savana e dos animais. Esse compromisso com a qualidade visual, somado à força simbólica da narrativa e à qualidade musical, ajudou a transformar *O Rei Leão* em um fenômeno cultural global. Seu enredo, centrado em temas como poder, responsabilidade, sucessão e justiça, encontra paralelo com narrativas históricas sobre a monarquia, a

hereditariedade e o exercício do poder, o que justifica sua utilização como ferramenta didática no ensino de História.

2.2. A Pedra do Rei como Símbolo do Poder e a Hierarquia Social na Savana

Figura 1 - Pedra do Rei, local simbólico do poder no reino animal



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

A animação "O Rei Leão", produzida pela Disney em 1994, apresenta uma narrativa rica em simbolismos e metáforas, que podem ser interpretados à luz de diferentes contextos históricos e sociais. Nesta monografia, propomos uma leitura do filme como uma alegoria do absolutismo europeu, identificando os elementos da narrativa que remetem ao sistema político e social característico daquele período.

Um dos elementos mais marcantes do filme é a Pedra do Rei, um local imponente e majestoso, situado no alto de uma montanha, de onde o rei Mufasa governa a savana. A Pedra do Rei representa o poder centralizado do monarca, o

centro de onde emana a autoridade e a justiça. É neste local que Mufasa apresenta seu filho Simba ao reino, legitimando-o como herdeiro do trono e futuro rei.

A apresentação de Simba ao reino é um ritual carregado de simbolismo, que remete às cerimônias de coroação dos monarcas absolutistas.

Figura 2 – Apresentação de Simba ao Reino, simbolizando a continuidade do ciclo da vida.



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

Os animais da savana, representando os súditos do rei, prostram-se diante de Simba, reconhecendo sua autoridade e jurando lealdade. Este ritual demonstra a importância da tradição e da hereditariedade na legitimação do poder monárquico e, Mufasa, como rei, exerce um poder absoluto sobre a savana, garantindo a ordem e a harmonia entre os diferentes animais. Ele é o responsável por manter o "ciclo da vida", um sistema de equilíbrio ecológico em que cada animal tem seu papel e sua função.

Mufasa age como um monarca benevolente, que se preocupa com o bem-estar de seus súditos e que governa com justiça e sabedoria. No entanto, o poder de Mufasa não é ilimitado, ele está sujeito às leis da natureza e às responsabilidades inerentes ao seu cargo. Mufasa compreende que seu poder não é um fim em si mesmo, mas um meio para garantir o bem-estar da comunidade. Ele ensina a Simba que "ser

rei significa mais do que mandar em todos", que é preciso ter responsabilidade e respeito por todos os seres vivos.

A Pedra do Rei, portanto, simboliza o poder centralizado do monarca absolutista, mas também representa as responsabilidades e os limites deste poder. Mufasa, como rei, personifica o ideal do monarca justo e sábio, que governa em benefício de seus súditos e que se preocupa com a manutenção da ordem e da harmonia social.

Assim como as sociedades europeias do período absolutista eram marcadas por uma rígida hierarquia social, a savana de "O Rei Leão" também apresenta uma estrutura social bem definida, com diferentes classes de animais ocupando posições distintas na escala de poder. No topo desta hierarquia, encontram-se os leões, que exercem o poder e o controle sobre os demais animais. Os leões, liderados pelo rei Mufasa, representam a nobreza na sociedade absolutista. Eles são os responsáveis por manter a ordem, proteger o território e garantir a segurança dos demais animais. Os leões possuem privilégios e direitos que não são concedidos aos outros animais, como o direito de caçar e se alimentar primeiro, e o direito de ocupar os melhores territórios.

Figura 3 – Leões e leas do reino, unidos no filme o Rei Leão, representando a unidade e organização social do grupo.



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

Abaixo dos leões na hierarquia social, encontram-se outros animais, como as zebras, os gnus, as girafas e os elefantes, que representam o povo na sociedade

absolutista. Estes animais são responsáveis por produzir os alimentos e os recursos necessários para a sobrevivência da comunidade. Eles são submissos aos leões e devem obedecer às suas ordens, em troca de proteção e segurança.

Figura 4 - Animais se curvam diante da apresentação de Simba, reconhecendo-o como herdeiro do trono.



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

Na base da hierarquia social, encontram-se as hienas, que são marginalizadas e excluídas do poder. As hienas vivem à margem da sociedade, em um território sombrio e inóspito, e são vistas como uma ameaça à ordem e à estabilidade da savana. Elas representam os grupos sociais marginalizados na sociedade absolutista, como os camponeses pobres, os desempregados e os criminosos.

Figura 5 - Hienas retratadas como figuras ameaçadoras e opositoras à ordem estabelecida no reino.



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

A hierarquia social na savana de "O Rei Leão" reflete a desigualdade e a estratificação social características das sociedades absolutistas. Assim como na Europa da época, a posição social de cada indivíduo é determinada pelo seu nascimento e pela sua classe social. A mobilidade social é limitada, e a ascensão social é restrita a um pequeno grupo de privilegiados. Apesar da desigualdade social, a hierarquia na savana é vista como natural e necessária para a manutenção da ordem e da harmonia.

Os animais acreditam que cada um tem seu lugar e sua função na sociedade, e que a obediência à hierarquia é essencial para a sobrevivência da comunidade. Esta crença reflete a ideologia da época, que justificava a desigualdade social como uma ordem divina ou natural, assim como afirma Hespanha: "Esta (limitada) dinâmica - a que chamaríamos 'mobilidade social' - imputável ou a um automovimento da natureza, fecundado pelo tempo, ou às obras dos agentes. (HESPANHA, 2006, p. 20)

Na trama de "O Rei Leão", Scar, o irmão invejoso e rancoroso de Mufasa, personifica a ameaça constante que pairava sobre os monarcas absolutistas: a conspiração interna e a sede por poder. Scar, insatisfeito com sua posição secundária na linha de sucessão ao trono, trama a morte de Mufasa e Simba para usurpar o poder e se tornar o rei da savana. Scar representa os nobres ambiciosos e os membros da corte que conspiravam contra os monarcas absolutistas, buscando derrubá-los do

poder e ocupar seu lugar. Assim como Scar, estes conspiradores utilizavam a intriga, a traição e a violência para alcançar seus objetivos, colocando em risco a estabilidade do reino e a vida do monarca.

Scar, como se sabe, guarda a culpa e o medo de ser descoberto em seus sujos segredos e, por isso mesmo, instaura um reino policialesco e autoritário, concedendo às cínicas e cruéis hienas um lugar de destaque em seu governo. O que agora vale em todo o reino é o medo, a delação e o terror. A caça, por exemplo, antes regulada pela sabedoria de Mufasa, passa a seu um fomento à discórdia e, em seu paroxismo, a uma hobbesiana luta de todos contra todos (GUSTAVO, 2019, n.p)

A ambição desmedida de Scar e sua sede por poder o levam a aliar-se às hienas, os marginalizados da savana, que são vistas como uma ameaça à ordem e à estabilidade. Scar promete às hienas poder e fartura em troca de sua lealdade, manipulando-as para alcançar seus objetivos. Esta aliança representa a fragilidade do poder absolutista, que muitas vezes dependia do apoio de grupos sociais marginalizados e da manipulação das massas. Com essa estratégia, Scar personifica uma estratégia mencionada por La Boétie:

O segredo da dominação consiste em envolver o dominado na própria estrutura da dominação, a saber, uma pirâmide de poder: o tirano domina meia dúzia, essa meia dúzia domina seiscentos, esses seiscentos dominam seis mil, e abaixo desses seis mil vêm todos os outros. (LA BOÉTIE, 2006, p. 52-53)

Após a morte de Mufasa e o exílio de Simba, Scar assume o trono e instaura um reinado de terror na savana. Sob o comando de Scar, a savana se torna um lugar sombrio e desolado, onde a fome, a violência e a injustiça imperam. Scar governa com crueldade e tirania, explorando os animais e esbanjando os recursos da savana em benefício próprio. O reinado de Scar representa os períodos de crise e instabilidade política que marcaram a história do absolutismo. Assim como Scar, muitos monarcas absolutistas governaram com tirania e corrupção, explorando seus súditos e esbanjando os recursos do Estado em benefício próprio. Estes governantes despertaram a revolta e a oposição do povo, que se uniu para derrubá-los do poder e restaurar a ordem e a justiça.

O retorno de Simba à savana, após anos de exílio, representa a restauração da ordem absolutista após um período de crise e instabilidade. Simba, o herdeiro

legítimo do trono, retorna para reivindicar seu direito de governar e para libertar a savana das garras de Scar. Este retorno é recebido com alegria e esperança pelos animais da savana, que o reconhecem como seu legítimo rei e o apoiam na luta contra o tirano. Assim, os animais se unem ao herdeiro para derrubar o novo governo e restaurar a ordem e a justiça na savana. Esta união representa - na narrativa - a força do povo na luta contra a opressão e a tirania.

Figura 6 - Confronto entre Simba e Scar, momento decisivo pelo poder no reino



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

A batalha entre Simba e Scar representa a luta entre o bem e o mal, entre a justiça e a injustiça, entre a ordem e o caos. Simba, com a ajuda de seus amigos, enfrenta Scar e suas hienas em uma batalha épica, que culmina com a morte do tirano e a restauração da ordem na savana. Após a derrota de Scar, Simba assume o trono e restaura a ordem na savana. Simba governa com justiça e sabedoria, seguindo os ensinamentos de seu pai Mufasa e buscando o bem estar de todos os animais. Sob o reinado de Simba, a savana volta a ser um lugar próspero e feliz, onde a ordem, a harmonia e o equilíbrio ecológico são restaurados.

Figura 7 - Simba e sua família assumem o trono, restaurando a ordem no reino.



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

O retorno do rei e a restauração da ordem absolutista representam a crença na importância da tradição, da hereditariedade e da legitimidade na manutenção do poder. Simba, como herdeiro legítimo do trono, é o único capaz de restaurar a ordem e a justiça na savana, pois ele representa a continuidade da linhagem real e a garantia da estabilidade política.

O trono real não é o trono de um homem, mas o trono do próprio Deus. Três razões fazem ver que a monarquia hereditária é o melhor governo. A primeira é que é o mais natural e se perpetua por si próprio. A segunda razão é que esse governo é o que interessa mais na conservação do Estado e dos poderes que o constituem: o príncipe, que trabalha para o seu Estado, trabalha para seus filhos. A terceira razão retira-se da dignidade das casas reais. (BOSSUET, 1977, n.p)

Figura 8 - Scar, irmão do rei Mufasa e antagonista da trama.



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

Scar, o irmão invejoso de Mufasa, pode ser interpretado como uma figura de príncipe conspirador, que busca derrubar o rei para usurpar o poder. Scar personifica a crise de legitimidade que podia abalar o poder absolutista, quando a sucessão ao trono era contestada ou quando o monarca não era considerado digno de governar. Scar, ao tramar a morte de Mufasa e Simba, demonstra a fragilidade do poder absolutista, que dependia da lealdade e da obediência dos súditos. Scar, ao aliar-se às hienas, os marginalizados da savana, revela a importância do apoio popular para a manutenção do poder. Scar, ao instaurar um reinado de terror, demonstra os riscos da tirania e da opressão. O seu reinado pode ser interpretado como uma crise do absolutismo, quando o poder do monarca é questionado e contestado.

A seca, a fome e a violência que assolam a savana sob o comando de Scar são metáforas da crise econômica, social e política que podia abalar o Estado absolutista. A aliança entre ele e as hienas representa a aliança entre o poder e os marginalizados, que podia gerar instabilidade e desordem. A figura de Scar nos lembra que o poder absolutista não era invencível, e que podia ser derrubado pela conspiração, pela rebelião ou pela invasão estrangeira.

Figura 9 - Simba, protagonista de O Rei Leão



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

Simba, o herdeiro legítimo do trono, representa a figura do rei justo, que retorna para restaurar a ordem e a harmonia na savana. Simba personifica a esperança de um futuro melhor, após um período de crise e de sofrimento. Ao aprender com os erros do passado e ao seguir os ensinamentos de seu pai Mufasa, representa em sua figura a importância da tradição e da experiência para o exercício do poder. O seu retorno representa a restauração do absolutismo, quando o poder do monarca é reafirmado e legitimado. A chuva, a fartura e a alegria que retornam à savana sob o comando de Simba são metáforas da recuperação econômica, social e política que podia ocorrer após um período de crise.

As hienas, marginalizadas e desprezadas pela sociedade da Pedra do Rei, representam a face oculta da sociedade. Esquecidas e desprezadas pelos leões, elas personificam “o lado sombrio” da monarquia. As hienas, frequentemente relegadas a um papel secundário e vistas como meros antagonistas, carregam em sua representação uma crítica social incisiva, elas simbolizam os grupos marginalizados e oprimidos que existiam à sombra do poder, contrastando com a imagem de ordem e

prosperidade propagada pela monarquia. No contexto do absolutismo europeu, as hienas podem ser associadas aos camponeses explorados, aos trabalhadores urbanos em condições precárias e a outros grupos sociais excluídos dos benefícios e privilégios da nobreza e da corte. A sua exclusão da Pedra do Rei e a sua constante busca por alimento refletem as dificuldades enfrentadas por aqueles que viviam à margem da sociedade, lutando pela sobrevivência em um sistema desigual e opressor.

A aliança de Scar com as hienas é particularmente significativa, pois revela a fragilidade do poder absolutista e a sua dependência de forças externas para se manter no controle. Ao manipular as hienas e prometer-lhes um futuro melhor, Scar demonstra a sua falta de legitimidade e a sua disposição de recorrer a qualquer meio para alcançar os seus objetivos.

Essa aliança pode ser interpretada como uma crítica à corrupção e à manipulação que frequentemente caracterizavam as cortes absolutistas, onde o poder era frequentemente negociado e as alianças eram instáveis. Além disso, a representação das hienas como seres caóticos e desordeiros reforça o discurso absolutista da necessidade de um poder forte e centralizado para manter a ordem social. Ao contrastar a sua anarquia com a suposta harmonia do reinado de Mufasa, o filme legitima a concentração de poder nas mãos do monarca e a repressão de qualquer forma de oposição.

No entanto, é importante ressaltar que a representação das hienas também pode ser interpretada como uma crítica à exclusão e à marginalização, questionando a validade de um sistema que sacrifica os interesses de uma parte da população em benefício de uma elite privilegiada. Ao dar voz às hienas e mostrar as suas motivações, o filme convida o espectador a refletir sobre as injustiças sociais e a questionar as estruturas de poder que as perpetuam.

Além das hienas, outros animais em "O Rei Leão" podem ser interpretados como representações de diferentes classes sociais. As zebras, por exemplo, podem representar os camponeses, que trabalham duro para produzir alimentos, mas são explorados pela nobreza. Os pássaros, como Zazu, podem representar os burocratas,

que servem ao rei e administram o Estado. Os macacos, como Rafiki, podem representar os intelectuais e os conselheiros do rei.

Figura 10 - Zazu, conselheiro real e mensageiro do reino



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

Embora "O Rei Leão" não apresente uma corte formal no sentido histórico, a relação entre Mufasa - e posteriormente Simba - e Zazu, o fiel pássaro, oferece um vislumbre da dinâmica do aconselhamento real. Ele desempenha um papel multifacetado, atuando como conselheiro, informante, mensageiro e até mesmo como uma espécie de censor, expressando - de forma branda - opiniões que o rei talvez não queira ouvir.

Essa dinâmica reflete, em certa medida, a complexidade das cortes. Os monarcas, embora detivessem o poder absoluto, frequentemente dependiam de conselheiros experientes para obter informações, avaliar riscos e tomar decisões informadas. Esses conselheiros, muitas vezes nobres, clérigos ou intelectuais, competiam entre si por influência e poder, buscando moldar as políticas do reino de acordo com seus próprios interesses e visões. Zazu, com sua lealdade inabalável e sua

diligência em manter o rei informado sobre os eventos no reino, representa o ideal do conselheiro honesto e dedicado, que coloca o bem-estar do reino acima de seus próprios interesses. No entanto, sua posição também demonstra as limitações do poder do conselheiro, que está sempre sujeito à vontade do rei.

Figura 11 - Rafiki, sábio xamã do reino



Fonte: Walt Disney Pictures (1994).

O personagem Rafiki, o sábio macaco que serve como conselheiro de Mufasa e Simba, pode ser interpretado como uma representação dos intelectuais e dos conselheiros que desempenhavam um papel importante nas cortes absolutistas. Estes conselheiros, muitas vezes filósofos, juristas ou teólogos, ofereciam seus conhecimentos e sua sabedoria aos monarcas, auxiliando-os na tomada de decisões e na administração do reino.

Rafiki, com sua sabedoria ancestral e sua conexão com a natureza, representa a importância do conhecimento e da tradição na manutenção da ordem social. Ele orienta Mufasa e Simba, transmitindo-lhes os valores e os princípios que devem guiar um bom rei. Além disso, Rafiki desempenha um papel crucial na legitimação do poder de Simba, ao reconhecê-lo como o herdeiro legítimo do trono e ao

apresentá-lo ao reino. Esse gesto simboliza a importância do reconhecimento público e do apoio dos intelectuais para a consolidação do poder monárquico.

Em "O Rei Leão", as leoas desempenham um papel fundamental na caça e na defesa do reino. Sua força, agilidade e coordenação as tornam uma força formidável, capaz de proteger a savana de ameaças externas e de garantir o sustento da comunidade. Essa representação das leoas pode ser vista como uma alegoria do exército permanente, que se tornou uma característica marcante dos Estados absolutistas. Os monarcas absolutistas mantinham exércitos profissionais, treinados e equipados, para defender seus territórios, expandir seu poder e reprimir revoltas internas. As leoas, com sua disciplina e sua lealdade ao rei, personificam o ideal do exército eficiente e obediente, que executa as ordens do monarca sem questionar. Sua presença constante na savana serve como um lembrete do poder do rei e de sua capacidade de impor a ordem pela força.

A análise das representações dos animais como classes sociais pode enriquecer a compreensão da sociedade absolutista e das relações de poder que a caracterizavam dentro do contexto da sala de aula.

2.2. O ciclo da vida: Princípio que governa o funcionamento da savana

No filme, O "ciclo da vida" é apresentado como um princípio fundamental que governa o funcionamento da savana. Mufasa explica a Simba que todos os seres vivos estão interligados e que cada um tem um papel a desempenhar no equilíbrio do ecossistema, o ciclo da vida pode ser interpretado como uma metáfora da ordem social no absolutismo. Assim como na savana, a sociedade absolutista era vista como um sistema hierárquico, em que cada indivíduo tinha um lugar e uma função pré determinadas. A ideia de que cada um tem um papel a desempenhar na sociedade era utilizada para justificar a desigualdade social e a exploração do trabalho.

Os camponeses, por exemplo, eram vistos como essenciais para a produção de alimentos, enquanto os nobres eram responsáveis pela defesa do território. Cada um deveria cumprir o seu papel, sem questionar a ordem estabelecida. A seca que

assola a savana sob o reinado de Scar pode ser interpretada como uma metáfora da escassez de recursos e da luta pelo poder no absolutismo. A falta de água e de alimentos gera tensões e conflitos entre os animais, que competem pela sobrevivência.

Da mesma forma, no absolutismo, a escassez de recursos, como terras, metais preciosos e mercados consumidores, gerava tensões e conflitos entre os Estados. Os monarcas absolutistas competiam entre si pelo controle dos recursos e pela expansão de seus territórios. As guerras eram frequentemente motivadas pela busca de novos recursos e pela disputa por mercados.

Scar, ao permitir que as hienas devastassem a savana, demonstra a sua falta de visão e a sua incapacidade de gerir os recursos de forma sustentável. A sua ganância e o seu egoísmo o levam a explorar a savana até à exaustão, colocando em risco a sobrevivência de todos os animais. A escassez de recursos e a luta pelo poder são temas recorrentes na história do absolutismo. A busca por recursos e a competição entre os Estados geraram inúmeras guerras e conflitos, que devastaram a Europa e causaram milhões de mortes.

A paisagem da savana reflete o estado do poder e da sociedade. No início do filme, sob o reinado de Mufasa, a savana é exuberante, fértil e harmoniosa. Os animais vivem em paz e em equilíbrio, e a natureza floresce em toda a sua glória. Sob o reinado de Scar, a paisagem se transforma em um deserto árido, estéril e sombrio. A seca, a fome e a violência dominam a savana, e os animais vivem em constante sofrimento e medo. A paisagem reflete a tirania e a destruição causadas pelo poder ilegítimo e pela falta de responsabilidade.

O retorno de Simba marca a restauração da ordem e da harmonia. A chuva volta a cair, a vegetação renasce e os animais recuperam a esperança. A paisagem se transforma novamente em um lugar exuberante, fértil e harmonioso, simbolizando a justiça e a prosperidade do reinado legítimo.

A história, no geral, gira em torno da questão da sucessão ao trono e da legitimidade do poder. Mufasa prepara Simba para ser o seu sucessor, ensinando-lhe os princípios da justiça e da responsabilidade. Scar, por sua vez, usurpa o poder através da traição e da violência, questionando a legitimidade da sucessão. A questão

da sucessão era crucial no absolutismo. A estabilidade do Estado dependia da continuidade da linhagem real e da aceitação do novo monarca pela população. As guerras de sucessão eram frequentes na Europa, e poderiam gerar instabilidade política e social. A legitimidade do poder também era fundamental. Os monarcas absolutistas buscavam legitimar seu poder através da religião, da tradição e da propaganda. A teoria do direito divino dos reis, por exemplo, afirmava que o poder do monarca emanava diretamente de Deus, tornando a sua autoridade incontestável.

Scar representa a oposição ao poder estabelecido, a ambição desmedida e a busca por vantagens pessoais. Mufasa, por sua vez, representa a ordem, a justiça e a responsabilidade. A inveja de Scar em relação a Mufasa e o seu desejo de usurpar o trono refletem as intrigas e as conspirações que eram comuns nas cortes absolutistas. A luta entre os dois irmãos simboliza a tensão entre o poder legítimo e a ambição desmedida, entre a ordem estabelecida e a busca por mudanças.

A cena da estampada, em que Scar provoca a morte de Mufasa, pode ser interpretada como uma metáfora da tirania e da violência que caracterizaram o absolutismo. Scar, ao provocar a estampada, demonstra a sua falta de escrúpulos e a sua disposição de usar a violência para alcançar seus objetivos. A morte de Mufasa simboliza a morte da justiça e da ordem, e o início de um período de caos e de opressão. A estampada também pode ser interpretada como uma metáfora da manipulação das massas. Scar, ao manipular as hienas e ao incitá-las contra Mufasa, demonstra como o poder pode ser utilizado para manipular as pessoas e para dividir a sociedade.

A trajetória de Simba, desde a infância até a idade adulta, pode ser vista como uma alegoria da educação do príncipe, processo que visava preparar o herdeiro do trono para o exercício do poder. Simba, durante a sua infância, recebe os ensinamentos de seu pai Mufasa, que lhe transmite os valores e os princípios que devem guiar um bom rei. Mufasa ensina a Simba a importância da justiça, da responsabilidade e do respeito pela natureza.

Após a morte de Mufasa, Simba foge do reino e vive uma vida despreocupada ao lado de Timão e Pumba, esquecendo-se de suas responsabilidades

e de seu destino. Essa fase da vida de Simba pode ser interpretada como uma representação dos perigos da ociosidade e da falta de compromisso com o bem comum. O exílio de Simba pode ser interpretado como uma metáfora da oposição política e da perseguição aos dissidentes. Simba, ao ser exilado do reino, perde seus direitos e sua identidade, e é obrigado a viver à margem da sociedade. O exílio era uma prática comum nos regimes absolutistas, que perseguiram e exilaram os opositores políticos, os intelectuais críticos e os religiosos dissidentes. O exílio era uma forma de silenciar vozes discordantes e de manter a ordem social. (SWANN, 2017, n.p)

Ao reencontrar Nala e ao receber os conselhos de Rafiki, Simba retoma a consciência de seu dever e decide retornar ao reino para reclamar o trono. Essa jornada de volta ao reino simboliza o amadurecimento do príncipe e a sua preparação para o exercício do poder.

Quando Simba, já adulto e vivendo exilado, tem uma visão do fantasma de seu pai Mufasa nas estrelas, ouvindo seus conselhos e lembrando de suas responsabilidades, podemos interpretar essa cena como uma alusão ao Direito Divino dos Reis. Mufasa, mesmo após a morte, continua a exercer influência sobre Simba, guiando-o e cobrando-lhe o cumprimento de seu destino. Essa cena reforça a ideia de que o poder do rei é sagrado e que sua autoridade transcende a vida terrena.

O fato de Mufasa aparecer no céu, entre as estrelas, reforça a sua conexão com o divino e a sua legitimidade como governante assim como afirma Bossuet: “o rei é ministro de Deus na terra; sua autoridade é divina e não pode ser contestada por nenhum poder humano” (BOSSUET, 2017, n.p). As estrelas, desde a antiguidade, são associadas ao poder e à eternidade, e a presença de Mufasa entre elas confere ao seu poder uma dimensão transcendental. Essa cena, portanto, pode ser interpretada como uma representação do Direito Divino dos Reis, teoria que legitimava o poder absolutista e que afirmava que o monarca era o representante de Deus na Terra e que sua autoridade era incontestável.

A restauração do reino após a derrota de Scar simboliza a renovação social e a reconstrução de um novo mundo. A volta da chuva, o renascimento da vegetação e o retorno da alegria e da harmonia à savana representam a possibilidade de superar as

dificuldades e de construir um futuro melhor. A luta de Simba contra Scar pode ser interpretada como um símbolo da luta pela justiça e pela liberdade. Simba representa a esperança de um futuro melhor, onde a paz, a harmonia e o respeito mútuo prevalecem. Scar, por sua vez, representa a tirania, a opressão e a injustiça. A vitória de Simba sobre Scar simboliza a vitória da justiça sobre a injustiça, da liberdade sobre a opressão e do bem sobre o mal. Essa vitória transmite uma mensagem de esperança e de otimismo, incentivando os espectadores a lutar por um mundo mais justo e igualitário.

3. PARALELOS E LIMITAÇÕES DA ANÁLISE

A análise de "O Rei Leão" sob a ótica do absolutismo europeu parte do princípio de que o cinema, como linguagem artística, tem a capacidade de condensar símbolos, narrativas e dilemas universais, tornando-se uma ferramenta potente para a reflexão histórica. Ao examinar a estrutura de poder na savana africana retratada no filme, identificamos elementos que dialogam diretamente com os fundamentos do absolutismo, especialmente no que tange à centralização do poder, à legitimação da autoridade régia e à manutenção da ordem social.

3.1 Os Paralelos entre “O Rei Leão” e o Absolutismo Europeu

No universo de "O Rei Leão", a Pedra do Rei emerge como o centro simbólico do poder, equivalente ao trono dos monarcas europeus. Mufasa, como soberano, não apenas exerce o domínio político, mas também encarna a figura do "rei-pai", responsável por zelar pelo equilíbrio e pela prosperidade do reino. A sucessão de Simba, seu herdeiro legítimo, remete à lógica dinástica que sustentava as monarquias absolutistas, nas quais o direito ao trono era transmitido por linhagem sanguínea, reforçando a ideia de continuidade e estabilidade.

Outro aspecto relevante é a legitimação do poder. Em ambas as narrativas, a autoridade do rei é apresentada como algo natural, quase sagrado. No filme, a ordem estabelecida é justificada pelo "Ciclo da Vida", uma espécie de contrato social implícito que legitima a posição do monarca e determina o papel de cada membro da sociedade. De modo análogo, o absolutismo europeu recorria à doutrina do direito divino dos reis, segundo a qual o soberano era escolhido por Deus e, portanto, detentor de uma autoridade incontestável. Essa legitimação transcendental não apenas consolidava o poder do monarca, mas também inibia questionamentos e rebeliões, pois desafiar o rei era, em última instância, desafiar a ordem divina.

A centralização do poder é outro ponto de convergência. Em "O Rei Leão", todas as decisões relevantes para a comunidade passam pelo crivo do rei, que detém

autoridade suprema sobre o território e sobre os demais animais. Essa concentração de poder ecoa as práticas dos monarcas absolutistas, que, ao longo dos séculos XVI e XVII, buscaram eliminar a fragmentação feudal e submeter as diversas instâncias de poder local à autoridade central.

A criação de exércitos permanentes, a nomeação de ministros leais e a centralização da arrecadação de impostos foram estratégias comuns tanto na Europa quanto, simbolicamente, no universo do filme, onde a força do rei é garantida por sua liderança e por sua capacidade de mobilizar aliados.

A hierarquia social, por sua vez, é representada de maneira clara e didática em ambas as realidades. Na savana, cada animal ocupa um lugar definido no ciclo ecológico, e a ordem natural é vista como algo imutável. Da mesma forma, as sociedades absolutistas eram rigidamente estratificadas, com a nobreza, o clero e o povo ocupando posições bem delimitadas. A manutenção dessa ordem era fundamental para a estabilidade do regime, e qualquer tentativa de subversão era vista como ameaça à harmonia coletiva.

3.2 Limitações e Desafios da Análise Comparativa

A relação entre “*O Rei Leão*” e o absolutismo europeu oferece uma lente rica e multifacetada para compreender as dinâmicas de poder, legitimidade e crise tanto no plano simbólico da ficção quanto na concretude da história. Ao narrar a ascensão, queda e posterior restauração de um regime monárquico, o filme da Disney se estrutura em torno de temas que dialogam diretamente com os fundamentos do Antigo Regime europeu. Essa aproximação não apenas permite estabelecer conexões entre duas formas distintas de narrativa — a ficcional e a historiográfica —, mas também fornece um recurso valioso para abordar conteúdos complexos de maneira acessível e envolvente, especialmente no ambiente educacional.

A estrutura de poder apresentada no enredo do filme ecoa diversos elementos do absolutismo clássico, particularmente a centralização da autoridade na figura do rei. Mufasa, enquanto soberano da Pedra do Reino, encarna a autoridade

inquestionável e quase sagrada dos monarcas absolutistas, como Luís XIV, o “Rei Sol”, cujo poder era considerado um reflexo direto da vontade divina. Assim como no Antigo Regime, o trono no universo de “*O Rei Leão*” é hereditário e transmitido por direito de sangue, o que é evidenciado na sucessão de Simba.

A cerimônia pública de apresentação do herdeiro à comunidade animal não apenas celebra a continuidade da linhagem real, mas também evoca os rituais de coroação e unção dos reis europeus, atos fundamentais para a legitimação simbólica do poder real perante o povo e, muitas vezes, perante a Igreja.

No absolutismo, o poder do rei não era mantido unicamente pela força militar ou pela coerção, mas por uma elaborada rede de símbolos, mitos e representações que garantiam sua aceitação social.

O rei era concebido como uma figura que media a relação entre o divino e o terreno, sendo a sua autoridade revestida de um caráter quase sagrado. Essa concepção é representada no filme pela imagem de Mufasa como guardião da ordem natural e do “Ciclo da Vida”, princípio que rege a harmonia do reino. Seu trono, a Pedra do Rei, é mais do que uma elevação de pedra: trata-se de um espaço ritualizado que concentra simbolicamente a soberania e a centralidade do poder.

A ruptura dessa ordem simbólica ocorre com a morte de Mufasa e a ascensão ilegítima de Scar ao trono. Esse momento representa uma crise de sucessão que remete às instabilidades políticas enfrentadas por diversas monarquias europeias, sobretudo nas fases finais do Antigo Regime. A usurpação de Scar rompe com o pacto simbólico e afetivo entre o rei e seus súditos, instaurando um governo baseado na opressão, no medo e na escassez. Tal cenário pode ser interpretado como uma alegoria das crises econômicas, sociais e políticas que corroeram a legitimidade dos regimes absolutistas, culminando em revoltas populares e na emergência de novas formas de organização política, como ocorreu na Revolução Francesa de 1789.

A jornada de Simba, por sua vez, vai além da simples retomada de seu lugar de direito. Representa o processo de reconstrução da autoridade, não apenas com base na linhagem, mas também na capacidade do líder de agir com empatia, justiça e compromisso com a coletividade. Para recuperar o trono, Simba precisa se reconectar

com sua história, enfrentar seus medos e conquistar novamente a confiança do povo — elementos que espelham os desafios enfrentados por muitos monarcas restaurados na Europa pós-revolucionária, os quais precisaram negociar sua permanência no poder e, em muitos casos, adaptar-se às novas demandas sociais.

O filme também favorece a uma reflexão sobre a natureza da legitimidade política. Enquanto Mufasa e Simba são líderes legítimos não apenas por direito de nascimento, mas pela sua postura ética e senso de responsabilidade, Scar representa o governante ilegítimo, que se mantém no poder por meio da coerção, da manipulação e do medo. Essa dualidade permite discutir com os estudantes os critérios que fundamentam o poder político: sua origem (divina, hereditária, popular), sua forma de exercício (justa ou tirânica), e sua relação com o bem-estar coletivo.

Além disso, o filme sugere que a liderança efetiva se sustenta mais pela inspiração e mobilização emocional do que pela força bruta — um ponto fundamental para discutir o papel das emoções, dos afetos e da confiança na construção de qualquer autoridade. Apesar dessas aproximações, é essencial reconhecer as limitações da analogia entre *O Rei Leão* e o absolutismo europeu.

Como obra de ficção voltada ao público infantojuvenil, o filme faz uso de licenças poéticas, simplificações narrativas e idealizações que podem obscurecer aspectos importantes da complexidade histórica. Um exemplo disso é a idealização da monarquia como forma de governo naturalmente justa e ordenadora, quando, na realidade, o absolutismo europeu foi marcado por inúmeros conflitos, desigualdades sociais extremas, abusos de poder e exclusão de vastos setores da população. A sucessão no filme é apresentada de forma relativamente harmoniosa - interrompida apenas por um ato de traição pessoal - enquanto na Europa as disputas dinásticas frequentemente desencadearam guerras civis, conspirações e profundas instabilidades políticas.

Outro ponto a ser problematizado é a ausência de uma dimensão social mais rica no universo do filme. O filme retrata uma sociedade rigidamente hierarquizada, onde cada animal ocupa um papel fixo no "Ciclo da Vida", sugerindo uma ordem natural e imutável. Esse discurso naturaliza as desigualdades e ignora a existência de

resistências, lutas por mobilidade ou rupturas sociais - fatores centrais para compreender a história do absolutismo e suas crises.

Além disso, a concentração da narrativa nas figuras masculinas de poder reforça uma visão patriarcal, relegando as personagens femininas a papéis secundários, o que contrasta com a realidade histórica, na qual mulheres como rainhas, cortesãs e conselheiras desempenharam papéis estratégicos nas decisões políticas e na mediação de conflitos, ainda que muitas vezes invisibilizadas nos registros históricos oficiais.

3.3. A pedagogia ativa: o uso de obras populares na sala de aula

O valor pedagógico dessa analogia reside justamente na possibilidade de suscitar debates e estimular o pensamento crítico. Ao propor que os estudantes comparem estruturas de poder, formas de liderança e momentos de crise em diferentes contextos - ficcional e histórico - o educador convida à reflexão sobre temas universais como justiça, desigualdade, legitimidade, resistência e transformação social.

A abordagem comparativa permite, por exemplo, que os alunos identifiquem que, embora as formas de governo variem ao longo do tempo e do espaço, os desafios enfrentados pelas lideranças - como o equilíbrio entre autoridade e aceitação, ou entre poder e responsabilidade - permanecem, em essência, os mesmos. No contexto brasileiro, essa proposta adquire ainda mais relevância ao tornar o ensino de história mais envolvente, aproximando conteúdos teóricos da experiência cultural dos estudantes. Filmes servem como pontos de partida eficazes para a introdução de conceitos complexos como centralização do poder, dinastia, legitimidade e simbolismo político. Contudo, essa estratégia exige uma atuação cuidadosa do professor, que deve mediar constantemente o processo de aprendizagem para evitar que os alunos tomem a narrativa fílmica como um reflexo direto da realidade histórica.

É fundamental que se estimule a análise das motivações dos personagens, das estruturas sociais apresentadas e das implicações ideológicas do enredo.

Outro desafio importante é o risco do anacronismo - ou seja, interpretar o passado com os valores e referências do presente. A comparação entre a savana africana e a França do século XVIII precisa ser conduzida com cautela para que os estudantes não projetem soluções simples e finais felizes sobre eventos históricos profundamente complexos e muitas vezes trágicos. Para enriquecer essa discussão, o professor pode recorrer ao estudo de casos concretos, como a crise do Antigo Regime francês, os conflitos entre as casas reais europeias ou o impacto da Revolução Francesa sobre as ideias de poder e cidadania.

A análise pode também incluir as múltiplas formas de resistência ao poder absolutista. Enquanto no filme a oposição ao regime tirânico de Scar é liderada por um herói individual - Simba -, a história europeia mostra que as transformações políticas se deram a partir de movimentos coletivos diversos: revoltas populares, conspirações palacianas, movimentos religiosos e revoluções. Discutir essa diversidade de atores históricos permite aos estudantes compreenderem o protagonismo das massas e a complexidade das mudanças sociais.

A dimensão simbólica do poder, tão presente no filme através de rituais como a apresentação e a coroação de Simba, é outro ponto fértil para a exploração pedagógica. Analisar esses símbolos em paralelo com as práticas cerimoniais das monarquias europeias - como a unção do rei, o uso de vestes e coroas, ou os discursos de direito divino - pode ser feito com apoio de imagens, vídeos e textos históricos. Esse exercício ajuda a desenvolver a capacidade de leitura crítica de diferentes linguagens e fontes.

Por fim, é importante destacar que o cinema, como linguagem artística, possui o poder de condensar, ressignificar e popularizar eventos e ideias históricas, mas também de distorcê-los ou simplificá-los. Cabe ao educador mediar esse diálogo entre ficção e história, promovendo uma formação cidadã baseada no pensamento crítico, na empatia e no reconhecimento da diversidade de vozes e narrativas. A análise crítica de *“O Rei Leão”* como ferramenta para a compreensão do absolutismo europeu não pretende substituir o estudo direto das fontes históricas, mas sim enriquecer o

processo educativo ao ampliar os horizontes de interpretação e estimular o questionamento constante das formas de poder e de representação do passado.

Além disso, aprofundamos nossa reflexão sobre pedagogia ativa, defendendo que o uso de obras populares em sala de aula demanda um planejamento cuidadoso, que inclua a proposição de atividades como dramatizações de assembleias reais, simulações de conselhos de guerra, análises comparativas de trechos do filme com trechos de crônicas de época, elaboração de diários fictícios pelos alunos, assumindo papéis de cortesãos ou fazendeiros, de modo que o engajamento emocional com a narrativa sirva de alavanca para a aprendizagem de conteúdos, e de habilidades como argumentação, pesquisa, avaliação crítica de fontes, interpretação de documentos e síntese de informações, competências fundamentais para formar estudantes capazes de pensar a história de maneira autônoma e criativa.

Em termos de avaliação, é sugerido que o professor proponha redações que comparem diretamente cenas específicas da animação com eventos históricos concretos, incentivando a identificação de convergências e divergências, além de projetos de pesquisa em grupo sobre casos reais de exílio político, colecionando depoimentos, cartas e tratados, e apresentando mapas dinâmicos que ilustrem as rotas de banimento de personalidades históricas, práticas que ampliam a visão dos alunos para além da sala de projeção, transformando a filmagem em um portal para investigações interdisciplinares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta monografia, exploramos diversas possibilidades de utilizar a narrativa cinematográfica como um recurso para compreender o absolutismo europeu de maneira envolvente e acessível, buscando nos aproximar de conceitos políticos e sociais complexos por meio de analogias visuais que ressoam no imaginário dos estudantes, especialmente ao empregar uma animação de grande apelo cultural que facilita o acesso a discussões históricas densas, servindo como ponto de partida para reflexões sobre poder, autoridade, hierarquia e legitimação.

Através desse processo, identificamos como a centralização do poder, característica fundamental do absolutismo, se reflete na figura do governante único que reina sobre vastos territórios, assim como notamos que a divisão social rígida, baseada em privilégios hereditários e em uma estratificação que separava nobres, clero e plebeus, encontra correspondências com as estruturas de classes apresentadas na savana cinematográfica, permitindo a criação de um diálogo entre fontes históricas e a experiência lúdica proporcionada pela animação.

Por fim, examinamos a relação entre tradição e sacralidade do poder, exemplificada tanto pela teoria do direito divino dos reis quanto pelas representações simbólicas de herança e continuidade familiar, abrindo espaço para questionamentos críticos sobre as bases ideológicas que sustentavam o regime absolutista e sobre as possíveis distorções ao transpor essa realidade para um universo ficcional ambientado na savana africana, além de refletirmos sobre as limitações inerentes ao uso de obras de ficção como ferramentas pedagógicas, em termos de anacronismos, simplificações e omissões de aspectos como economia mercantilista e tensões religiosas, mas defendermos que, se bem contextualizada e acompanhada de debates orientados, a animação pode fomentar o desenvolvimento de habilidades interpretativas e de pensamento crítico, estimulando os alunos a confrontarem mitos e narrativas idealizadas com evidências históricas, o que contribui para uma compreensão mais abrangente e reflexiva do absolutismo europeu.

Para fundamentar nossa análise, recorremos a conceitos clássicos do absolutismo, como o princípio da soberania indivisível, portanto a ideia de que o monarca detinha todas as prerrogativas legislativas, executivas e judiciais, conferindo-lhe um poder sem freios, e examinamos a evolução dessa doutrina em exemplos.

Ao examinar o absolutismo francês sob Luís XIV, percebemos um paralelo com a figura do grande rei que ocupa um trono simbólico, digno de palácio, cercado por corte, conselheiros e oficiais que lhe celebram triunfos, e contrastamos esse cerimonial com as sequências de reunião no alto da Pedra do Rei, onde os animais se alinham em trajes de comportamento ritualístico, executando um protocolo quase militar, o que ilustra como o poder majestático dependia de espetáculos de pompa e circunstância, reforçando a autoridade por meio da visão pública de poder, ritual e espetáculo, enquanto nas aulas podemos discutir como esses elementos cerimoniais legitimavam políticas de guerra, alianças e expansões territoriais, e como, no filme, a sucessão a cargo do herdeiro reforça a ideia de que o trono não é apenas uma função administrativa, mas uma instituição carregada de simbolismo e sacralidade.

A temática da sucessão e da legitimidade dinástica, presente tanto no drama de corte europeu quanto na trama do protagonista que retorna para assumir seu lugar de direito, reforça o conceito de hereditariedade como princípio político, um elemento-chave que consolidava a estabilidade do regime, mas que, ao mesmo tempo, gerava conflitos internos e conspirações, pois a primogenitura engendrava rivalidades entre irmãos, tios, primos e conselheiros ambiciosos, e ao compararmos isso com o enredo da trama em que o traidor interno manipula, engana e usurpa o poder, criamos nos alunos uma compreensão de quão tênue era a linha entre ordem e caos em monarquias absolutas, abrindo espaço para discussões sobre intrigas de Estado, pactos secretos e diplomacia velada, além de permitir o uso de fontes documentais, cartas reais e memórias de cortesãos como material didático complementar.

A economia mercantilista, base do poder econômico dos monarcas, mereceu atenção especial, pois, enquanto no período absolutista se buscava controlar o comércio, estabelecer monopólios, acumular metais preciosos e fomentar companhias

de comércio para financiar guerras e projetos de Estado, na savana animada tudo se resume a uma subsistência coletiva, onde a partilha de recursos não envolve moedas nem mercados, o que limita a capacidade de abordar temas como desigualdade econômica, exploração de mão de obra, disputas mercantis e colonialismo, mas oferece a possibilidade de levantar questionamentos sobre a forma como o poder também se consolida por meio de redes financeiras, mercantis e coloniais, e como as políticas econômicas moldaram o desenvolvimento das nações europeias, incentivando debates em sala sobre contratos, taxas alfandegárias, charters comerciais e a gênese do capitalismo moderno.

Quando falamos de conflitos sociais, ressaltamos que, no absolutismo, as lutas camponesas, as revoltas urbanas e as insurreições religiosas eram constantes, e que muitos súditos se viam compelidos ao exílio, à prisão ou à execução, sob ordens reais arbitrárias, enquanto na narrativa animada estamos diante de uma disputa mais metafórica, travada entre felinos e carneiros famintos, e essa metáfora, ainda que simplista, pode ser aproveitada didaticamente para ilustrar como tensões de classe, fome e injustiça social fomentavam rebeliões, convulsões e transformações políticas, possibilitando ao professor correlacionar cenas de sede, escassez ou migração animal com episódios históricos de revolta, de fome e de êxodo, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre a relação entre economia, poder e resistência.

Ciente das limitações desse tipo de abordagem, enfatizo a importância de evitar redundâncias e repetições inúteis, recomendando ao educador que varie as referências à obra - ora mencionando a animação, ora falando da narrativa, ora referindo-se à produção - para manter o texto dos alunos mais rico e menos repetitivo, o que também deve se refletir no próprio discurso docente, estimulando o uso de sinônimos e expressões diversificadas, bem como a aplicação de diferentes gêneros textuais, como resenhas críticas, relatórios de pesquisa e textos argumentativos, ampliando a competência linguística e histórica simultaneamente.

Entender a cultura popular como parceira no ensino de história significa reconhecer que as narrativas que circulam no cotidiano dos alunos guardam potencial para conectar fatos do passado a experiências contemporâneas, criando pontes entre

datas e acontecimentos aparentemente distantes e a realidade vivida pelos estudantes, o que amplia o significado do aprendizado, torna-o mais prazeroso e relevante, e contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes das continuidades e rupturas que moldaram o mundo em que vivem. Assim, a utilização de filmes como recurso pedagógico transcende a simples exibição em sala de aula, pois envolve um conjunto de estratégias didáticas que mesclam leitura de documentos, interpretação de imagens, debates, produções textuais e atividades de pesquisa, todas guiadas pela reflexão crítica, garantindo que a experiência estética não seja um fim em si mesma, mas um meio para a aquisição de conhecimentos sólidos e para o desenvolvimento de capacidades analíticas, fundamentais em um mundo cada vez mais visual e narrativo.

A análise do absolutismo revela uma transformação nas estruturas políticas e sociais da Europa entre os séculos XVI e XVIII, com a centralização do poder nas mãos do monarca surgindo como resposta à crise do feudalismo, no contexto de crescente influência da burguesia e do fortalecimento dos Estados Nacionais, com os monarcas absolutistas, ao consolidarem seu poder, transformando a organização do Estado, criando uma administração centralizada, um exército permanente e um sistema tributário eficiente, enquanto buscavam legitimar seu governo por meio de teorias políticas, como o direito divino e o contrato social, além de usarem propaganda e controle cultural, com reis como Luís XIV modelando uma imagem de poder quase divino, utilizando o aparato do Estado para reforçar sua autoridade.

Em conclusão, o absolutismo, embora tenha garantido estabilidade política e promovido desenvolvimento econômico em diversos contextos, não foi imune à crise, com as tensões sociais, as críticas internas e a insustentabilidade econômica, como vimos na Revolução Francesa, mostrando que até mesmo regimes centralizados e aparentemente inquebrantáveis estavam sujeitos a mudanças profundas, com a transição para formas de governo mais participativas, como a monarquia constitucional, refletindo as contradições internas do absolutismo, que, ao tentar preservar sua autoridade, acabou gerando as condições para novos modelos de organização política.

Por fim, esta monografia busca demonstrar que, mesmo obras de entretenimento destinadas ao público infantil, ao serem inseridas em um contexto de

ensino cuidadosamente estruturado, podem fornecer janelas para o passado, despertando curiosidade, empatia histórica e entendimento sobre as complexas dinâmicas de poder que marcaram o absolutismo europeu, contribuindo para que os alunos não apenas memorizem fatos, mas compreendam processos, analisem fontes, questionem narrativas e criem conexões significativas entre o passado e o presente, habilidades imprescindíveis para a formação de indivíduos aptos a participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa, consciente e crítica.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Unesp, 1985.
- BLOCH, Marc. **A sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BODIN, Jean. **Da República**. São Paulo: Edipro, 2011.
- BOSSUET, Jacques-Bénigne. **A Política Tirada da Sagrada Escritura**. Porto: Rés Editora, 1989. (Original publicado em 1709).
- BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei: A Construção da Imagem Pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- DUBY, Georges. **As Três Ordens: O Imaginário do Feudalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. (Embora trate do feudalismo, oferece um panorama sobre as estruturas de poder que antecederam o absolutismo).
- ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador - Volume II: Formação do Estado e Civilização**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- GUSTAVO, Paulo. **“O Rei Leão” e a Política**. Revista Será?, 2 ago. 2019. Disponível em: <https://revistasera.info/2019/08/o-rei-leao-e-a-politica-paulo-gustavo/> Acesso em: 15 abr. 2025.
- HILL, Christopher. **O Mundo de Ponta-Cabeça: Ideias Radicais Durante a Revolução Inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- MOUSNIER, Roland. **Os Séculos XVI e XVII**. In: CROUZET, Maurice (org.). História Geral das Civilizações. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965, v. 4.
- O REI LEÃO. **Dirigido por Roger Allers e Rob Minkoff**. Produção de Don Hahn. Walt Disney Pictures, 1994.
- STONE, Lawrence. **Causas da Revolução Inglesa: 1529-1642**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2002. (Manual didático que pode fornecer informações contextuais).